



Diálogos amazônidos na Amazônia: cosmologias do devir nos livros de literatura infantil em contexto de sala de aula¹

Rozane Alonso Alves²

Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-1401-5556>

José Vicente de Souza Aguiar³

Universidade do Estado do Amazonas (UEA) - Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-7754-1620>

Resumo: Este artigo resulta de um projeto de Pós-Doutoramento vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (EDUCANORTE/UEA), desenvolvido entre agosto de 2024 e junho de 2025. O estudo concentrou-se nas narrativas literárias que possibilitam (ou não) a expressão de identidades indígenas infantis em contextos escolares, com foco para a Educação Infantil. Para este debate selecionamos a coletânea de Daniel Munduruku — *Histórias que eu ouvi e gosto de contar*, *Histórias que eu li e gosto de contar* e *Histórias que eu vivi e gosto de contar* (Editora Callis, 2010-2011) —, como corpus central de análise. O enfoque teórico-metodológico articulou o campo pós-crítico em Educação, a filosofia da Diferença e perspectivas decoloniais, utilizando uma abordagem qualitativa (Rey, 2005) e a análise de imagens (Schwengber, 2012) para explorar as narrativas visuais e textuais como elementos dinâmicos na produção de identidades e corporeidades. Os resultados evidenciam que as obras de Munduruku, ao tensionarem saberes indígenas e ocidentais, funcionam como dispositivos de resistência e reinvenção identitária, destacando-se como ferramentas pedagógicas capazes de: Descolonizar imaginários ao apresentar modos de ser amazônidas não reduzidos a estereótipos; Potencializar a ecologia dos saberes ao validar epistemologias indígenas na Educação Infantil; Narrar corpos e identidades em devir, rompendo com essencialismos e afirmando a diferença como potência.

¹ Recebido em: 20/06/2025. Aprovado em: 16/04/2026.

² Doutora em Educação. Professora do Departamento de Métodos e Técnicas – DMT, da Faculdade de Educação – FAGED. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades – PPGECH, vinculado à Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, vinculado a Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia – EDUCANORTE, também pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: rozanealonso@ufam.edu.br

³ Doutor em Educação. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia – EDUCANORTE. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED. Professor do Curso de Pedagogia vinculado a Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: jvicente@uea.edu.br

Palavras-chave: Literatura Infantil. Modos de ser. Identities Infantis Amazônicas. Filosofia da Diferença

Diálogos amazônicos en la Amazonía: cosmologías del devenir en los libros de literatura infantil en contexto de aula

Resumen: Este artículo surge de un proyecto de Posdoctorado vinculado al Programa de Posgrado en Educación en la Amazonia (EDUCANORTE/UEA), desarrollado entre agosto de 2024 y junio de 2025, que investigó los modos de ser y las corporalidades indígenas infantiles presentes en libros de literatura utilizados en escuelas públicas de Manaus, con niños de 4 a 5 años. El estudio se concentró en instituciones de las Zonas Este y Norte de la ciudad, analizando cómo las narrativas literarias permiten (o no) la expresión de identidades indígenas infantiles en contextos urbanos. Se identificaron diez libros de literatura infantil usados en prácticas pedagógicas, destacando la colección de Daniel Munduruku - "Historias que escuché y me gusta contar", "Historias que leí y me gusta contar" e "Historias que viví y me gusta contar" (Editora Callis, 2010-2011) -, seleccionados como corpus central de análisis. El enfoque teórico-metodológico articuló el campo poscrítico en Educación, la filosofía de la Diferencia y perspectivas decoloniales, utilizando un abordaje cualitativo y análisis de imágenes para explorar las narrativas visuales y textuales como elementos dinámicos en la producción de identidades y corporalidades. Los resultados muestran que las obras de Munduruku, al tensionar saberes indígenas y occidentales, funcionan como dispositivos de resistencia y reinención identitaria, destacándose como herramientas pedagógicas capaces de descolonizar imaginarios al presentar modos de ser amazónicos no reducidos a estereotipos; potenciar la ecología de saberes al validar epistemologías indígenas en la Educación Infantil; y narrar cuerpos e identidades en devenir, rompiendo con esencialismos y afirmando la diferencia como potencia.

Palabras clave: Literatura Infantil, Modos de ser, Identities Infantiles Amazónicas, Filosofía de la Diferencia.

Amazonian Dialogues in the Amazon: Cosmologies of Becoming in Children's Literature Books in Classroom Contexts

Abstract: This article stems from a Postdoctoral research project linked to the Graduate Program in Education in the Amazon (EDUCANORTE/UEA), conducted between August 2024 and June 2025, which investigated ways of being and indigenous children's corporealities present in literary books used in public schools in Manaus, with children aged 4 to 5 years. The study focused on institutions in the East and North zones of the city, analyzing how literary narratives enable (or fail to enable) the expression of indigenous children's identities in urban contexts. Ten children's literature books used in pedagogical practices were identified, with emphasis on Daniel Munduruku's collection - "Stories I Heard and Like to Tell," "Stories I Read and Like to Tell," and "Stories I Lived and Like to Tell" (Callis Editora, 2010-2011) - selected as the core analysis corpus. The theoretical-methodological approach combined the post-critical field in Education, the philosophy of Difference, and decolonial perspectives, using qualitative analysis and image analysis to explore visual and textual narratives as dynamic elements in the production of identities and corporealities. The results demonstrate that Munduruku's works, by creating tension between indigenous and Western knowledge systems, function as devices for resistance and identity reinvention, standing out as pedagogical tools capable of: decolonizing imaginaries by presenting Amazonian ways of being not reduced to stereotypes; enhancing the ecology of knowledges by validating indigenous epistemologies in Early Childhood Education; and narrating bodies and identities in becoming, breaking with essentialisms and affirming difference as potency.

Keywords: Children's Literature, Ways of Being, Amazonian Children's Identities, Philosophy of Difference.

INTRODUÇÃO

O que pretendemos produzir nesse diálogo é fruto de projeto de Pós-Doutoramento vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (EDUCANERTE), que acontece em rede, neste caso, vinculado a Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Desenvolvido entre agosto de 2024 e junho de 2025, o projeto teve como objetivo perceber os modos de ser presentes nos livros de literatura infantil com foco nas corporeidades indígenas infantis.

Para a construção deste excerto, selecionamos a coletânea de Daniel Muduruku, intituladas, respectivamente, como: Histórias que eu ouvi e gosto de contar; histórias que eu li e gosto de contar e; histórias que eu vivi e gosto de contar. Publicadas pela editora Callis nos anos de 2010 e 2011.

No debate que buscamos estabelecer neste artigo, está nosso olhar pautado no campo pós-crítico de pesquisa em Educação, buscando dialogar com a filosofia da Diferença e, também apresentando proposituras inspiradas no campo do debate decolonial. É importante destacar também que abordagem metodológica para análise dos livros selecionados está concentrada na perspectiva qualitativa (Rey, 2005), tendo como elemento para a produção de dados, as discussões de Schwengber (2012),

A produção de dados, pautada na análise de imagens em Schwengber (2012), aplicada aos livros de literatura infantil, nos possibilitou a compreensão das narrativas visuais e textuais inseridas nos livros de literatura infantil selecionados como elementos dinâmicos para a produção das narrativas de si e de seus corpos infantis. A análise de imagens nos possibilitou explorar as múltiplas camadas de significação presentes nas obras, reconhecendo as imagens como linguagens que narram e representam mundos.

Essa abordagem não só enriquece a análise dos livros de literatura infantil, mas também contribui para pensarmos os modos de ser que se concentram nos olhares das e para as culturas infantis e para o debate sobre a Educação Ambiental no contexto escolar com foco nas ecologias dos saberes dos povos da floresta. As representações sociais presentes nesses materiais têm possibilitado olhar para os modos de produção das identidades como palco nodal das diferenças.

LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DAS CORPOREIDADES INFANTIS AMAZÔNIDAS

A filosofia da diferença, articulada por pensadores como Gilles Deleuze e Félix Guattari, desafia as estruturas binárias e essencialistas que tradicionalmente organizam o pensamento ocidental, propondo uma ontologia do devir, da multiplicidade e da singularidade. No campo pós-crítico da pesquisa em educação, essa abordagem ressoa na desconstrução de concepções universalizantes de infância e criança, abrindo espaço para uma compreensão mais fluida e contextualizada do ser-criança. Se a pedagogia crítica ainda operava sob certas categorias fixas (como “oprimido” e “opressor”), o viés pós-crítico, influenciado pela filosofia da diferença, enfatiza que a criança não é um sujeito pré-formado, mas um agente em constante processo de diferenciação, atravessado por discursos, afetos e relações de poder que não se reduzem a uma lógica determinista.

Nesse sentido, a infância deixa de ser vista como uma etapa naturalizada de desenvolvimento rumo à adultez – como propunham as teorias desenvolvimentistas – e passa a ser compreendida como um campo de experiências heterogêneas, onde a criança se constitui nas relações com o mundo, com os outros e consigo mesma. Isso implica reconhecer que as infâncias amazônicas, por exemplo, são marcadas por modos específicos de habitar o território, de se relacionar com a floresta, os rios e os seres não humanos, construindo identidades que escapam aos modelos hegemônicos de "criança universal". A diferença, aqui, não é um desvio a ser corrigido, mas uma potência que exige um olhar educativo aberto à escuta e à invenção.

Quando transposto para a Educação Ambiental, esse debate ganha contornos urgentes. A Amazônia, frequentemente reduzida a um imaginário externo – seja como “inferno verde” ou “paraíso intocado” – é, na verdade, um espaço de múltiplas identidades que suturam e negociam. A educação ambiental crítica tradicional, ainda que bem-intencionada, muitas vezes reproduz visões salvacionistas ou generalizantes, ignorando as epistemologias locais e as formas próprias como as comunidades amazônicas (incluindo as crianças) se relacionam com o ambiente. Uma abordagem pós-crítica, alinhada à filosofia da diferença, questionaria os discursos ambientais que homogeneizam a “consciência ecológica”, propondo, em vez disso, uma educação ambiental *situada*, que parta das narrativas, dos saberes e das práticas das próprias crianças e povos da região.

Como as crianças ribeirinhas, indígenas ou urbanas da Amazônia vivenciam e interpretam o “meio ambiente”? Que conceitos de natureza e cultura emergem dessas experiências? Essas perguntas exigem um rompimento com perspectivas colonialistas que insistem em enquadrar a diferença amazônica em modelos pré-definidos. A identidade amazônica não é fixa, mas um rizoma, composta por fluxos que conectam tradições, modernidades e resistências. Uma educação ambiental pós-crítica, portanto, não apenas “inclui” a diferença, mas a coloca no centro, entendendo que a crise ecológica também é uma crise de narrativas.

Assim, articular a filosofia da diferença, as infâncias plurais e a educação ambiental implicam repensar a própria ideia de “formação”. Em vez de um projeto pedagógico que busca ressignificar subjetividades conforme um ideal preestabelecido, trata-se de criar espaços onde as crianças amazônicas – em suas múltiplas formas de existir – possam apresentar suas vozes, seus saberes e seus modos de vida, tensionando as estruturas que insistem em criar estratégias de submissão às suas diferenças. A tarefa é, então, educar *com* a diferença, e não *sobre* ela, num movimento ético e político que reconheça a Amazônia como um território de mundos em devir.

A literatura infantil, quando mobilizada de forma crítica e criativa na sala de aula, pode se tornar um potente dispositivo para problematizar as relações entre identidade, diferença, educação ambiental e os modos de ser amazônicas. Mais do que um recurso didático auxiliar, ela opera como uma *zona de contato* – um espaço onde narrativas plurais se entrelaçam, desestabilizando hierarquias de saber e abrindo fissuras no pensamento homogêneo, colonialista. Se a filosofia da diferença nos convida a pensar a infância como um campo de multiplicidades, a literatura infantil pode ser o meio pelo qual essas multiplicidades ganham voz, corpo e imaginação.

Em contextos amazônicos, onde a relação entre humanos e natureza é profundamente marcada por cosmologias indígenas, saberes ribeirinhos e tensões urbanas, a escolha dos textos literários não é inocente. Livros que reproduzem visões estereotipadas da Amazônia – seja como um lugar exótico, folclorizado ou simplesmente “a ser explorado” – reforçam epistemicídios e apagam as infâncias que ali vivem. Por outro lado, obras que dialogam com as narrativas locais, que trazem personagens crianças em suas complexidades (não apenas como “guardiãs da floresta”, mas como sujeitos históricos, plurais, em conflito, com seus modos de ser), podem

desencadear um processo educativo em que a identidade e a diferença sejam vividas como questões abertas, não como categorias fixas.

Uma educação ambiental pós-crítica, ancorada na *ecologia dos saberes* proposta por Boaventura de Sousa Santos, reconhece que não há um único conhecimento válido sobre a natureza, mas uma diversidade de epistemologias em diálogo – científicas, indígenas, populares, artísticas. A literatura infantil pode ser a ponte para esse diálogo, especialmente quando desloca o antropocentrismo, favorece a autoria plural, tenciona a ideia de ‘natureza intocada’ e, experimenta linguagens híbridas.

Estamos discutindo que ao deslocar o antropocentrismo, a literatura apresenta narrativas em que rios, árvores e animais não são meros pano de fundo, mas agentes com agência (como em contos indígenas ou em obras contemporâneas inspiradas no *animismo*), a literatura infantil desafia a separação moderna entre cultura e natureza, permitindo que as crianças reflitam sobre outras formas de habitar o mundo.

Ao favorecer a autoria plural: Incluir livros escritos por autores amazônidas, ou mesmo estimular a criação de histórias pelas próprias crianças, possibilita que elas se reconheçam como produtoras de conhecimento, não apenas consumidoras de um cânone distante de sua realidade.

O que se tem pensado no contexto de tensionamento em relação a ideia de ‘natureza intocada’, está em desconstruir a percepção de que, no contexto de ensino da e sobre educação ambiental. Ela deve romantizar a Amazônia como um lugar “puro”, ignorando as complexas relações de exploração, resistência e coexistência que a constituem. A literatura pode trazer histórias que mostrem essas ambiguidades – como a vida numa cidade cercada pela floresta, os conflitos entre garimpo e comunidades tradicionais, ou a reinvenção de culturas em contextos urbanos.

A oralidade, as lendas, os grafismos indígenas e as narrativas visuais podem compor um repertório literário que escape ao modelo eurocêntrico do livro infantil, aproximando-se de modos outros de contar e ouvir. Isso seria, de certa forma, a produção de práticas que experimentam e negociam com linguagens híbridas e modos de ser outros.

Assim, a literatura infantil não serve apenas para *ilustrar* conceitos ambientais ou *representar* a diversidade amazônida – ela é, ela mesma, uma prática de *fabulação* (no sentido deleuziano), um ato de criar mundos possíveis onde identidades e diferenças não se fecham em definições, mas se expandem em encontros.

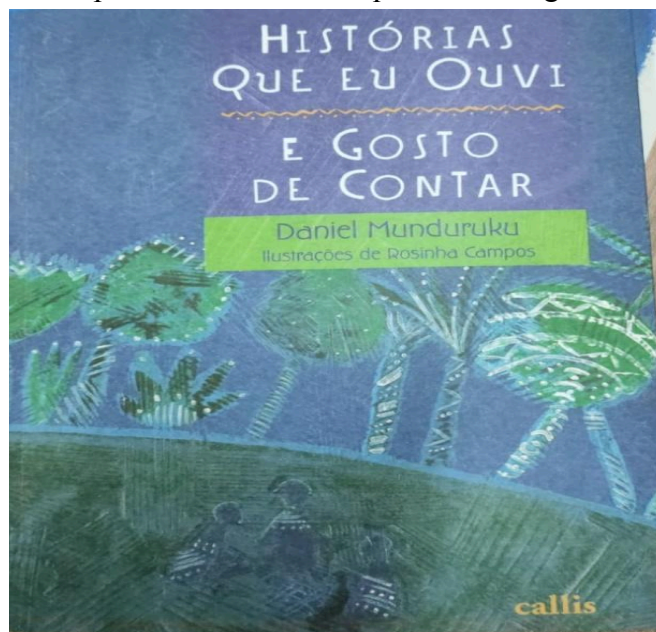
Quando uma criança ribeirinha lê (ou conta) uma história em que o rio é um avô que conta segredos, ou quando uma criança urbana de Manaus se reconhece num personagem que navega entre o asfalto e a floresta, está em jogo uma pedagogia do *devoir*, que não separa o “eu” do “outro”, nem a “cultura” da “natureza”.

Nesse sentido, a sala de aula – atravessada pela literatura – pode se tornar um *terreiro de saberes*, onde a educação ambiental não se reduz a discursos de preservação abstratos, mas se faz no exercício de escutar, narrar e reinventar as muitas Amazôniaas que coexistem dentro e fora de cada criança. A tarefa da educadora e do educador, então, é criar suturas entre os saberes, permitindo que a floresta, a cidade, os bichos, as águas e as infâncias falem – e, ao falarem, ressignifiquem-se.

Nas páginas vibrantes de Daniel Munduruku, ilustradas com a alma por Rosinha Campos, cada conto desta coletânea intitulada *Histórias que eu ouvi e gosto de contar* pulsa como um coração ancestral, mantendo viva a arte milenar da narrativa oral indígena.

O livro se desdobra como uma grande roda de conversa noturna, onde vozes de antigos pajés, mulheres sábias e crianças curiosas ecoam através do tempo, tecendo um mosaico de sabedoria que desafia a linearidade ocidental da escrita. Munduruku, com sua prosa que imita o ritmo das batidas do maracá, nos apresenta histórias que são muito mais que entretenimento - são veículos de conhecimento, mapas para navegar o mundo, lições de ética disfarçadas de aventuras fantásticas.

Figura 1: Capa do livro Histórias que eu ouvi e gosto de contar



Fonte: Livro Daniel Munduruku

Os personagens que povoam estas páginas - desde o astuto Jabuti até a poderosa Onça, passando por crianças que dialogam com rios e árvores - constroem uma teia de relações que reflete a cosmovisão indígena, onde humanos são apenas um fio no grande tecido da existência. Rosinha Campos captura essa visão de mundo em ilustrações que brincam com proporções, mostrando crianças maiores que montanhas e rios que carregam memórias em suas correntezas, numa estética que funde técnicas tradicionais com contemporaneidade.

Em um dos contos mais pungentes, um menino aprende com seu avô que “as histórias são como sementes - algumas florescem imediatamente, outras dormem no coração por anos antes de brotar”. Esta metáfora resume o projeto literário de Munduruku: plantar narrativas que, mesmo quando lidas em silêncio, mantêm o poder performático da oralidade, convidando o leitor a não apenas consumir, mas a dar continuidade ao ciclo contando-as novamente.

O livro se torna assim um ato de resistência cultural - uma forma de manter vivos os saberes que a colonialidade tentou apagar, ressignificando o papel em extensão da memória coletiva indígena. Quando Munduruku afirma que estas são histórias que ouviu e gosta de contar, está nos lembrando que cada releitura é um ritual de negociação, uma maneira de manter os ancestrais presentes no agora. As ilustrações de

Rosinha Campos, com seus traços que parecem dançar na página, reforçam essa ideia, mostrando como tradição e inovação podem coexistir em harmonia.

No epílogo, o autor compartilha uma percepção pessoal: “Algumas dessas histórias me foram contadas à luz de fogueiras, outras em noites de chuva, e outras ainda enquanto caminhávamos pela floresta. Todas elas me transformaram”. Este testemunho nos lembra que, na tradição e tradução indígena, o ato de narrar é sempre uma experiência compartilhada e vivenciada - lição que o livro estende generosamente a seus leitores.

Mais que uma coletânea, “Histórias Que Eu Ouvei e Gosto de Contar” é uma ponte entre mundos - entre passado e presente, entre oralidade e escrita, entre culturas. Munduruku e Rosinha Campos nos convidam a sentar na grande roda de histórias da humanidade, onde cada voz, cada imagem, cada silêncio, onde as palavras têm seu lugar sagrado. O livro se fecha, mas as histórias continuam a ecoar, insistindo para serem contadas novamente, levadas adiante, mantendo vivas as vozes que a história oficial tentou calar.

O livro opera como um rizoma narrativo, onde as histórias não se organizam hierarquicamente, mas proliferam em conexões múltiplas, cada conto funcionando como um “corpo sem órgãos” que resiste à estratificação de sentidos unívocos. As ilustrações, analisadas pela perspectiva de Schwengber (2012), não são meras representações visuais do texto, mas planos de consistência autônomos que estabelecem com a escrita relações de ressonância e fuga, criando um espaço intersticial onde a diferença se constitui.

A metodologia de Schwengber (2012), ao enfatizar a imagem como campo de forças e intensidades, revela como os traços de Rosinha Campos desterritorializam o imaginário colonial sobre o indígena. Seus personagens não possuem contornos fixos - as figuras humanas muitas vezes se confundem com elementos da natureza, os olhos das crianças refletem constelações inteiras, as mãos dos anciãos se prolongam em raízes. Essa plasticidade figura uma ontologia relacional que escapa aos dualismos ocidentais (natureza/cultura, humano/não-humano), materializando visualmente o conceito deleuziano de “devir-outro”. A análise das imagens apresenta como cada ilustração funciona como um agenciamento coletivo de enunciação, onde cor, linha e textura não ilustram, mas performam o pensamento indígena.

Munduruku constrói sua escrita como máquina de guerra contra o regime de signos dominante, fazendo da oralidade transcrita uma estratégia de minorização da língua portuguesa. Seus textos são povoados por “ritornelos” - frases repetidas como mantras que funcionam como marcos territoriais na geografia narrativa. Esses elementos, analisados em conjunto com as imagens, descrevem uma política da percepção onde a repetição é idêntica a si mesma (como na filosofia da diferença), mas carrega uma singularidade que desestabiliza qualquer tentativa de fixação de sentido.

Figura 2: Fixação de sentidos



Fonte: Livro Daniel Munduruku

As ilustrações de Campos, mostram-se como superfícies vibráteis onde o visível e o dizível entram em fricção criativa. A técnica mista utilizada pela ilustradora (que mescla elementos da arte urbana) cria um “entre-lugar” visual que corresponde ao espaço liminar que as histórias ocupam entre a tradição oral e a literatura escrita. Essa estratégia estética realiza o que Deleuze chamaria de “fabulação” criadora - a construção de um povo por vir que não se deixa capturar pelas categorias identitárias fixas.

A análise das imagens apresenta como a composição das páginas subverte a lógica ocidental da leitura linear. Em várias ilustrações, o olhar é convidado a circular sem hierarquia pré-estabelecida, em movimentos que imitam a estrutura rizomática das

narrativas orais. Schwengber nos ensina a ler essas imagens não como representações, mas como “acontecimentos visuais” que produzem afetos e percepções antes de produzirem significados. A onça que aparece em várias páginas, por exemplo, não é um símbolo, mas um conjunto de linhas de fuga que atravessa o livro todo, conectando histórias aparentemente desconexas.

A filosofia da diferença nos permite ler esta obra como um exercício de “contra história” indígena, onde o tempo não é linear, mas estratificado - passado mítico e presente colonial coexistem nas mesmas páginas, criando dobras temporais que desafiam a historiografia oficial. As ilustrações reforçam esta percepção através da justaposição de elementos tradicionais e contemporâneos na mesma cena, criando um cronótopo visual onde diferentes temporalidades convivem sem hierarquia.

Na perspectiva schwengberiana, o livro pode ser lido como um “dispositivo ótico” que reorganiza nosso regime de visibilidade sobre a cultura indígena. As ilustrações não decoram o texto, mas criam com ele uma rede de ressonâncias onde o visível e o legível se tensionam mutuamente. A cor vermelha que percorre as imagens, por exemplo, não representa simplesmente o sangue ou a terra, mas opera como uma intensidade pura que conecta diferentes planos da narrativa.

Esta análise conjunta revela como Munduruku e Campos constroem uma máquina literária que escapa às categorias ocidentais de livro infanti" ou folclore indígena. Em vez disso, a obra funciona como um corpo sonoro-visual que performa a diferença cultural, recusando-se a atuar a partir e pelas lógicas editoriais convencionais. Cada história, cada imagem, é um nó nesta rede rizomática que nos convida a pensar (e ver) a partir de outras coordenadas epistemológicas - aquelas que a filosofia da diferença tanto almejou mapear, e que a metodologia de Schwengber nos ajuda a vislumbrar em sua materialidade concreta.

Figura 3: Corpo sonoro-visual

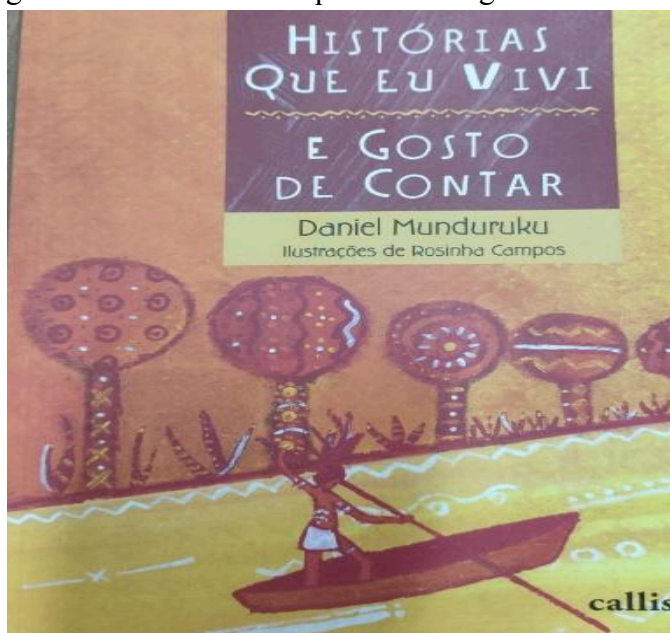


Fonte: Livro Daniel Munduruku

O livro se fecha, mas as conexões que ele ativa continuam a proliferar, demonstrando que a potência da diferença está justamente em sua capacidade de escapar a qualquer tentativa de contenção analítica - seja pela escrita, seja pela imagem. O que permanece é o chamado a ouvir (e ver) de novo, sempre de novo, num movimento infinito de desterritorialização que é, no fundo, a própria essência do ato de contar histórias.

No livro *O livro Histórias que Eu Vivi e Gosto de Contar*, de Daniel Munduruku, ilustrado por Rosinha Campos, é uma obra que materializa, de forma potente, os debates que vínhamos articulando sobre filosofia da diferença, infâncias plurais, educação ambiental e ecologia dos saberes.

Figura 4: Livro Histórias que eu vivi e gosto de contar



Fonte: Livro Daniel Munduruku

Como autor indígena, Daniel Munduruku, produz suas histórias, baseadas em vivências pessoais e comunitárias, desafiando a lógica colonial que frequentemente exotiza e silencia as narrativas indígenas, oferecendo, em vez disso, um convite à escuta e ao diálogo entre mundos.

As histórias de Munduruku não se encaixam em modelos universalizantes de conto infantil. Elas são atravessadas por uma cosmologia que não separa humanos e natureza, passado e presente, realidade e sonho – algo que ressoa com a filosofia da diferença de Deleuze e Guattari. A criança, nesse contexto, não é um sujeito passivo a ser ‘formado’, mas um autor ativo de narrativas que se desdobram em múltiplos sentidos.

Quando Munduruku conta suas memórias, ele não as enquadra em moralismos ou lições prontas; ele as deixa respirar, permitindo que os leitores (crianças e adultos) as interpretem a partir de suas próprias experiências. Isso corrobora a ideia pós-crítica de que a infância é um campo de singularidades, onde identidades e diferenças se constroem em relação, não como essências fixas.

A obra também é um exercício de educação ambiental *situada*. Diferente de discursos ambientalistas que fetichizam a Amazônia como "pulmão do mundo" ou "reserva natural", as histórias de Munduruku apresentam a floresta como um território

vivido, cheio de vozes, conflitos e aprendizados. Os rios, os animais e as plantas não são recursos a serem preservados de forma abstrata, mas seres com os quais se estabelecem relações de parentesco, troca e responsabilidade.

Essa perspectiva ecoa a *ecologia dos saberes* de Boaventura Santos, ao validar conhecimentos indígenas como fundamentais para repensar a crise socioambiental. Na sala de aula, esse livro pode ser um disparador para discutir: Como os Munduruku (e outros povos) entendem “natureza”? Que saberes são apagados quando reduzimos a Amazônia a um "problema" a ser resolvido por especialistas de fora? Como as crianças podem se reconhecer como parte dessas redes de vida, seja na floresta ou na cidade?

As ilustrações de Rosinha Campos, assim como a escrita de Munduruku, evitam estereótipos. Elas não caricaturam o indígena, mas o mostram em sua humanidade complexa – rindo, aprendendo, errando, ensinando. Isso é crucial para uma educação pós-crítica, pois permite que crianças indígenas se vejam como sujeitos de suas histórias, não como objetos de curiosidade, e que crianças não indígenas percebam a diferença como riqueza, não como distância. O livro opera, assim, uma *política da amizade* (no sentido derridiano), onde contar e ouvir histórias é um ato de reconhecimento mútuo.

Mais do que um recurso pedagógico, *Histórias que Eu Vivi e Gosto de Contar* é um chamado à descolonização da imaginação. Ele nos lembra que a literatura infantil não deve ser um instrumento de assimilação, mas um território onde mundos se encontram – e, nesse encontro, se transformam. Ao levar essa obra para a escola, professoras e professores não estão apenas trabalhando a diversidade; estão praticando uma educação aberta à diferença, onde a Amazônia deixa de ser um lugar distante e passa a ser um modo de existir no mundo.

A filosofia da diferença nos convida a pensar a identidade infantil não como uma essência fixa, mas como um campo de forças em constante movimento, onde a criança se constitui nos encontros, nas linguagens e nos afetos que a atravessam. Essa perspectiva rompe com as visões essencialistas que tentam enquadrar a infância em modelos universais, abrindo espaço para compreendê-la como um processo rizomático, marcado por devires e linhas de fuga. Na Amazônia, esse movimento se torna ainda mais complexo e potente, pois as identidades das crianças são tecidas em meio a cosmologias indígenas, saberes ribeirinhos e os desafios de um território em constante disputa.

Figura 5: Movimentando-se nas cosmologias

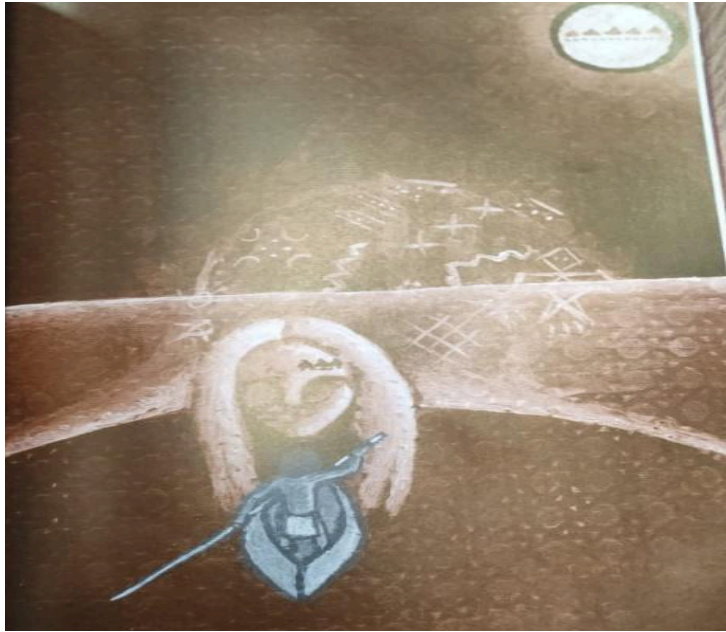


Fonte: Livro Daniel Munduruku

O livro *Histórias que Eu Vivi e Gosto de Contar*, de Daniel Munduruku, ilustra essa produção identitária em ato. Suas narrativas não são apenas relatos, mas territórios existenciais onde a criança Munduruku – e, por extensão, o leitor – experimenta modos outros de ser. Ao contar suas memórias, o autor não descreve uma identidade pronta, mas mostra como ela vai se constituindo, ressignificando, suturando nas relações com a floresta, os rios, os animais e os sonhos. Essa infância não cabe nos moldes escolarizados que separam sujeito e objeto, humano e natureza; ela é, antes, um devir-floresta, uma identidade que se expande e se redefine nos encontros com o mundo.

Na educação, essa abordagem exige um olhar atento às políticas de produção das identidades infantis. Longe de serem passivas, as crianças negociam, resistem e reinventam os discursos que tentam defini-las. Uma criança ribeirinha, por exemplo, não é simplesmente “filha da floresta” – ela é também urbana, estudante, brincante, e sua identidade é feita das traduções entre esses mundos. A literatura, nesse sentido, age como uma máquina de desterritorialização, capaz de romper com os estereótipos que reduzem a infância amazônica a caricaturas. Quando uma criança lê Munduruku, ela não consome uma história sobre "o outro", mas é convidada a habitar outras possibilidades de ser, a experimentar afetos que desafiam as identidades fixas.

Figura 6: O outro



Fonte: Livro Daniel Munduruku

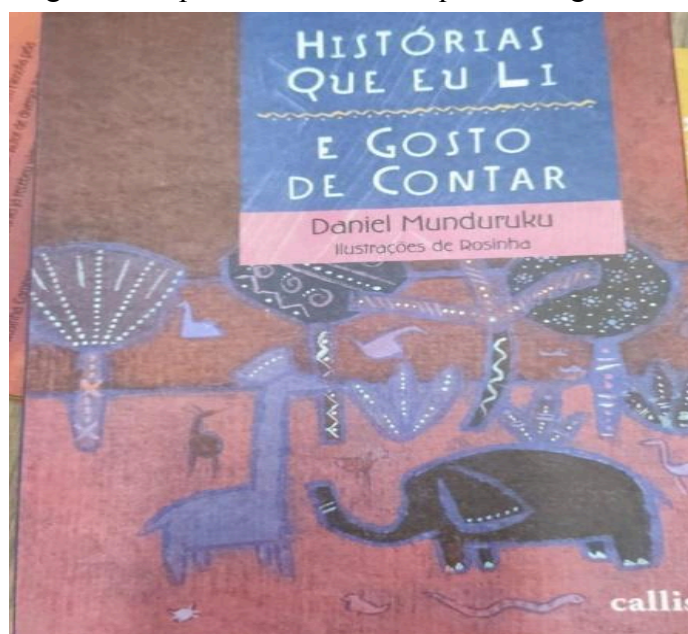
Isso tem implicações para a educação ambiental. Se a identidade é um processo relacional, então a crise ecológica não é um problema externo, mas uma questão que diz respeito aos modos como nos constituímos no mundo. Uma criança que aprende a se ver como parte da floresta – não como sua dona ou protetora, mas como sua parceira – desenvolve uma ética radicalmente diferente daquela baseada na separação entre cultura e natureza. A sala de aula, nesse contexto, pode se tornar um espaço de fabulação, onde histórias como as de Munduruku ativam perguntas: Quem eu posso me tornar quando escuto o rio? Como minha identidade se transforma quando aprendo com os saberes da floresta?

A filosofia da diferença nos lembra que a infância é um tempo de devires, um campo aberto onde identidades são sempre provisórias, sempre em construção. Educar, nessa perspectiva, não é moldar, mas acompanhar esses movimentos, criando condições para que as crianças explorem suas múltiplas possibilidades de ser. Na Amazônia, onde as identidades são tão diversas quanto os ecossistemas, essa tarefa é urgente e política. Pois no fim, como nos ensinam as histórias de Munduruku, ser criança é justamente isso: habitar os entre-lugares, onde a vida pulsa em suas infinitas variações.

O livro *Histórias que eu li e Gosto de Contar* de Daniel Munduruku, com ilustrações de Rosinha, se apresenta não como um objeto literário, mas como um território vivo onde se desenham novas cartografias existenciais para a infância

amazônica. Na perspectiva da filosofia da diferença, esta obra opera como um rizoma que conecta modos outros de ser criança, desafiando os regimes de representação que petrificam identidades em categorias pedagógicas fixas. Munduruku não conta histórias sobre crianças - ele cria espaços onde as infâncias podem se experimentar como devir-floresta, devir-rio, devir-comunidade, em movimentos que escapam à lógica identitária da educação tradicional.

Figura 7: Capa do livro história que eu li e gosto de contar



Fonte: Livro Daniel Munduruku

Na tessitura dessas narrativas, a educação ambiental se revela não como discurso sobre a natureza, mas como prática de co-pertencimento. As histórias de Munduruku desmontam a ficção antropocêntrica que separa sujeito e ambiente, mostrando como as crianças amazônicas se constituem em redes de parentesco que incluem árvores, animais e espíritos. Esta é uma ecologia de saberes que inverte a lógica conservacionista: não se trata de proteger a natureza, mas de reconhecer-se como natureza em ato, numa relação de alteridade radical que a filosofia da diferença nos ajuda a pensar.

A escola amazônica que emerge dessas páginas é um espaço-tempo outro, onde as paredes da sala de aula se dissolvem nos rios das memórias e as carteiras escolares se confundem com os troncos das árvores ancestrais. Aqui, o conhecimento não é transmitido, é vivido como experiência de travessia - as crianças não aprendem sobre a

floresta, aprendem com a floresta, numa pedagogia do corpo inteiro que desafia a razão ocidental. As ilustrações de Rosinha não decoram o texto, mas criam visualidades que falam de outros regimes estéticos, onde o traço infantil não é preparação para o adulto, mas expressão de um modo próprio de habitar o mundo.

Figura 8: Habitar no mundo



Fonte: Livro Daniel Munduruku

Neste livro, as identidades infantis não são representadas, mas performadas nas brechas entre línguas - o português que escorrega para o Munduruku, as palavras que se dobram em cantos, os silêncios que falam mais que discursos. A criança leitora não encontra aqui um espelho que confirme sua identidade, mas um caleidoscópio que a convida a se desfazer e refazer em múltiplos arranjos. Esta é a potência política da obra: ao invés de incluir a diferença no mesmo, ela cria condições para que novos modos de ser criança possam emergir, numa Amazônia que é menos lugar geográfico que espaço existencial.

A filosofia da diferença, quando encontra essa literatura, deixa de ser ferramenta teórica para se tornar respiração - um modo de estar no mundo que aceita o caos como condição de criação. Educar depois de Munduruku é aprender a perder pé, é perceber que as identidades são sempre provisórias, por fazer, como os rios que mudam de curso e as histórias que se reinventam a cada contação. Nesta escola-amazônia, ser

professora/professor é antes de tudo ser ouvinte, ser aluna/aluno é antes de tudo ser parceiro de viagem, e o saber mais importante é aquele que nos desaprende de nós mesmos para poder, finalmente, habitar as margens movediças de um mundo em constante devir.

Figura 9: Ser o outro



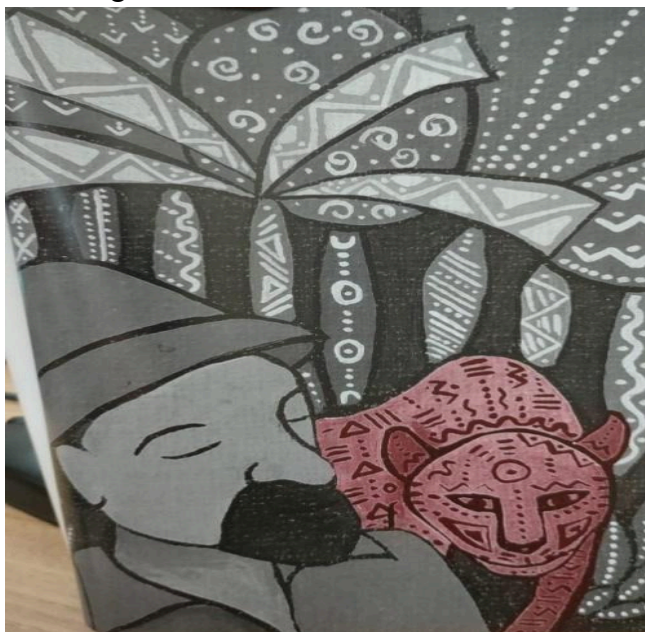
Fonte: Livro Daniel Munduruku

O livro de Munduruku não cabe nas prateleiras da literatura infantil convencional - ele escorrega entre os dedos como água de igarapé, levando consigo as certezas pedagógicas que tentam aprisionar a infância em modelos pré-fabricados. Estas narrativas que se deixam ler com a boca cheia de açaí e o ouvido colado no chão da floresta nos mostram como a filosofia da diferença não é teoria, mas prática cotidiana nas comunidades amazônicas. Aqui, as crianças não são preparadas para o futuro - elas são iniciadas nos mistérios do presente, num tempo circular que embaralha as lições lineares da escola ocidental.

As ilustrações de Rosinha não decoram o texto - elas respiram com ele, criando uma linguagem híbrida onde o traço infantil não é esboço imperfeito, mas sabedoria gráfica que desafia as hierarquias estéticas coloniais. Esta obra nos ensina que a educação ambiental verdadeira não começa com cartilhas de reciclagem, mas com o corpo mergulhado na correnteza, com os pés descalços que reconhecem o barro como pele estendida do mundo. Munduruku não fala sobre a natureza - ele deixa que a própria

floresta assine suas histórias, numa autoria coletiva que dissolve o mito do escritor como dono das palavras.

Figura 10: Sobre ser e estar na natureza



Fonte: Livro Daniel Munduruku

Na escola que poderia nascer dessas páginas, as carteiras seriam canoas, o quadro negro daria lugar às cascas de árvores, e o sino marcaria não a hora da lição, mas o momento em que os bichos aparecem no quintal. Os professores aprenderiam a ensinar de ouvido no chão, captando vibrações que os livros didáticos nunca registraram. As avaliações mediriam não o que foi memorizado, mas quantos mundos novos a criança descobriu em si mesma. Esta seria uma pedagogia do atravessamento, onde aprender significa perder-se para encontrar-se transfigurado, como semente que vira árvore que vira canoa que vira história.

O grande segredo que este livro guarda não está em suas palavras, mas nos intervalos entre elas, nos silêncios que ensinam mais que discursos, nas pausas onde escutamos o canto dos sapos como lição de fonética ancestral. Educar depois de Munduruku é reconhecer que o saber mais profundo mora nesses interstícios, nas brechas por onde escapam as identidades engessadas para nascerem devires em fluxo permanente. A Amazônia que emerge dessas páginas não é objeto de estudo - é sujeito que nos estuda, nos provoca e nos convida a desaprender a arrogância do conhecimento que separa quem sabe de quem aprende.

Neste jogo de espelhos líquidos que é a literatura de Munduruku, descobrimos que as verdadeiras histórias infantis não são as que contamos às crianças, mas as que as crianças reinventam ao se reconhecerem como parte da narrativa cósmica da floresta. O livro se completa quando a criança-leitora torna-se personagem-autora da própria saga amazônica, tecendo sua biografia nas malhas de uma rede que une passado, presente e futuros possíveis. A educação que ainda pode nos salvar será aquela que, como estas histórias, souber que seu papel não é moldar, mas liberar todos os modos de ser criança que o mundo insiste em esquecer.

CONCLUSÃO

A análise dos livros de literatura da coletânea *Histórias que eu vivi, que eu li e que ouvi e gosto de contar*, de Daniel Munduruku, analisadas tendo como inspiração, a filosofia da diferença, em articulação com debates produzidos sobre as ecologias dos saberes e dos modos de produção das identidades, nos apresentou uma narrativa que desafia as estruturas hegemônicas do conhecimento e da subjetividade. Munduruku, ao tecer histórias que emergem das cosmovisões indígenas, não apenas preserva saberes tradicionais, mas os coloca em diálogo tensionado com a modernidade ocidental, expondo a multiplicidade de existências e epistemologias que compõem o mundo.

A literatura produzida pelos escritos de Munduruku, ecoa na obra ao destacar a potência do diverso, onde identidades não se fixam em essências, mas se constroem em devir — processo visível nas personagens e narrativas que escapam às categorias rígidas do colonizador. A ecologia dos saberes tem se efetivado na valorização de conhecimentos indígenas como sistemas complexos e válidos por si só, desestabilizando a hierarquia que subalterniza vozes não ocidentais. Aqui, o oral, o ancestral e o comunitário não são folclore, mas modos de produzir realidade.

Por fim, a produção das identidades na obra de Munduruku não se reduz a uma representação estática da cultura e modos de ser indígena, mas articula-se como performance contínua, atravessada pela terra, pela memória e pela relação com o outro. Seus textos são atos políticos de reexistência: ao narrar, o autor não apenas conta histórias, mas as inscreve como gestos de resistência e reinvenção, afirmando que existir é, antes de tudo, diferenciar-se.

Assim, a coletânea não é apenas literatura; é um convite a desaprender a monocultura do pensamento e a habitar as brechas onde outros mundos são possíveis.

Uma contribuição urgente em tempos de crise ecológica, pois lembra que a vida — e suas narrativas — pulsa em muitos ritmos, cores e verdades.

REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa, SKLIAR, Carlos (orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. São Paulo: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolnik et al. 5 v. São Paulo: Editora 34, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias que eu vivi e gosto de contar**. São Paulo: Callis Editora, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias que li e gosto de contar**. São Paulo: Callis Editora 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias que ouvi e gosto de contar**. São Paulo: Callis Editora, 2011.

REY, Fernando González. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividades: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SCHWENGBER, Maria Simone. A análise de imagens é a ferramenta metodológica MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença, e se o outro não estivesse aí?**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TIRIBA, Lea. **Educação infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas. Populares e libertárias**. São Paulo: Paz e Terra, 2023.